



FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES

CALIGRAFIAS - UMA REALIDADE INQUIETA

EXPOSIÇÃO COLECTIVA INTERNACIONAL

O tema da exposição ***Caligrafias Uma Realidade Inquieta*** é a relação escrita/pintura, inspirada pela estética do Oriente, uma relação fundadora da arte do século XX. De Mallarmé (*Un Coup de Dés Jamais n'Abolira le Hasard*), às vanguardas do século XX, futurismo e dada (1915-1922, entre cubismo e surrealismo), aos Caligramas de Apollinaire, ao informalismo e gestualismo das décadas de 30, 40 e 50, ao movimento internacional da Poesia Visual que em Portugal floresceu na década 60, não cessaram as contaminações da palavra e da imagem, da poesia e das artes plásticas que permanecem uma influência na obra de nomes marcantes do panorama artístico da actualidade, como na de jovens valores emergentes.

O diálogo escrito/pintura não é um movimento ou uma moda, mas um **modo** de conhecimento e uma expressão artística privilegiada que tem acompanhado o homem desde os alvares da cultura, face visível da escrita, marca essencial do humano.

Do século III A.C. com os primeiros poemas visuais gregos (de Teócrito, Dosiades e Símiás de Rodes), aos poemas romanos do século IV, à escola de Inglaterra no fim do século VII, aos textos iluminados e à poesia figurada medieval, ao mais célebre caligrama do século XVI, “La Dive Bouteille” de Rabelais, e à explosão de textos visuais do Barroco, em Portugal estudados por Ana Hatherly, a tradição é longa até chegar aos célebres livros que para sempre revolucionaram a imagem tradicional da escrita na modernidade, de Mallarmé: *Un Coup de Dés Jamais n'Abolira le Hasard*, (publicado em 1897 na revista internacional *Cosmopolis*) e de Apollinaire: *Calligrammes Poèmes de la Paix et de la Guerre* (escritos entre 1913 e 1916) e publicados em 1918. A tipografia participa já nesta dança e neste jogo das palavras em liberdade que seria desenvolvido por Marinetti e que



Museu das Comunicações

estimularia o diálogo entre poetas e pintores, como o de Robert Delaunay com a poesia de Rimbaud, ou o de Miró com Tristan Tzara.

Esta tradição visa antes de mais devolver “à poesia a sua integridade primeira, é uma revolução do sentido, do sentido comum e da língua, uma revolução da arte e do homem” (Marc Dachy - “Dada: la langue comme utopie” in: *Poésure et Peintrie*, catálogo da exposição dos Museus de Marselha de 12 de Fevereiro a 23 de Maio de 1993). A forte influência das estéticas e das escritas do Oriente junta-se-lhe produzindo nos anos 50 expressões tão intensas como as de Michaux, Soulages, Hartung e Degottex estando ambas (esta tradição e esta influência) na origem do amplo movimento da poesia visual que em Portugal floresceu nos anos 60 em percursos tão emblemáticos como os de Ana Hatherly, Ernesto de Mello e Castro ou Salette Tavares.

O que se pretende mostrar quer no livro ***Caligrafias a Nascente dos Nomes*** quer na exposição que o ilustra, é a persistência e o significado desta tradição e deste diálogo, entre palavra e imagem, escrita e pintura, Ocidente e Oriente, num conjunto de obras e de artistas de várias gerações, colocando a arte portuguesa no contexto internacional a que pertence, com destaque para a presença espanhola. O livro apresenta uma atitude fundadora da arte, não propriamente um arquétipo (nele radicando visto que está em relação com o inconsciente individual e colectivo) mas uma tendência intemporal independente de escolas ou movimentos e que se vai transformando em função da evolução dos conteúdos mentais e das formas. A divisão em capítulos, quer do livro, quer da exposição, representa uma tentativa de sistematização neste domínio.

Capítulos da exposição

I Movimentos e expoentes desta tendência:

COBRA, El Paso, KWY e Tàpies

II. Caligramas e Poesia Visual

Apresenta pela 1ª vez os caligramas de Almada Negreiros (1920), aspectos da poesia visual de Ana Hatherly e duas infografias de Ernesto M. de Melo e Castro.

III. A Dança das Letras

Relação da pintura com a escrita ocidental

Trabalhos de Álvaro Lapa, António Sena, Emerenciano, González Bravo, Hilario Bravo, João Vieira, Paulo Teixeira Pinto, Teresa Gonçalves Lobo e Inês Marcelo Curto.

IV. Diálogo com o Oriente

Artistas e obras que reflectem a influência da escrita oriental.

Presenças de Ambrósio, Gracinda Candeias, Eurico e Francisco Laranjo.

V. Caligrafias na pintura e na escultura

Nesta secção apresenta-se uma visão mais abrangente do tema em obras onde a pintura é encarada como escrita e em trabalhos de Alberto Reguera, Carmo Pólvora, Cristina Valadas, Teresa Magalhães. A escultura está representada por dois trabalhos da artista espanhola Mar Solis.

A exposição cujo subtítulo “Uma realidade Inquieta” é o título do texto no livro dedicado a Ana Hatherly é de certo modo uma homenagem a este grande vulto da nossa cultura que vai completar 80 anos. A estrutura da exposição e do livro coincidem sensivelmente, se exceptuarmos o último capítulo do livro com o tema da relação poesia/pintura onde são apresentados os desenhos do poeta António

Ramos Rosa, bem como obras de dois pintores, poetas na sua arte, Miró e Paul Klee.

A exposição ***Caligrafias uma Realidade Inquieta*** abre com os inovadores caligramas de 1920 de **Almada Negreiros** (1893-1970). Um conjunto de trabalhos de **Ana Hatherly** e de **Ernesto de Melo e Castro**, expoentes da poesia visual portuguesa evocam por sua vez este movimento. Estão documentados movimentos que no século XX exploraram justamente estas contaminações procurando a plenitude de uma expressão inspirada pela poesia. O grupo internacional **COBRA** (1948 a 1951) é evocado por duas pinturas sobre lava de 1989 do pintor belga **Pierre Alechinsky** (n.1927).

De 1948 a 1951 a aventura de COBRA, nome inventado por **Christian Dotremont** em Paris (a 8 de Novembro de 1948) com as iniciais de Copenhague, Bruxelas e Amsterdão foi, tal como anos mais tarde, e também em Paris, KWY, uma aventura poética, implicando uma fusão de línguas, culturas e movimentos artísticos fundadores da arte do século XX: a Abstracção, o Surrealismo e o Expressionismo. O grupo afirmou a sua dupla vocação internacional e experimental, com os belgas **Dotremont** e **Joseph Noiret**, o dinamarquês **Asger Jorn**, os holandeses **Karel Appel**, **Constant** e **Corneille**, aos quais se juntou mais tarde **Pierre Alechinsky**. Este último, juntamente com o autor da designação do movimento, simboliza a simbiose da expressão literária e da expressão artística, através da invenção de uma nova escrita pintura, um vocabulário de formas irruptivas, caligrafias do imaginário aberto ao maravilhoso.

Rebeldia, liberdade, invenção na origem do mais inspirado e do mais inspirador e simbiótico movimento da arte do século XX. Simbiose da literatura e das artes plásticas, mas sobretudo procura através da essência de ambas as expressões, de uma linguagem outra, de um vocabulário absolutamente virgem. O grupo espanhol **El Paso** (1957-1960) está representado por **Manuel Viola** (1916-1987) e **Antonio Saura** (1923-1998). O grupo El Paso (1957-1960), do qual foi um dos fundadores **Antonio Suárez** que dele fez parte apenas alguns meses, enquanto Viola nele se incorporou um ano depois da sua fundação, insere-se nessa grande vaga que no século XX e iniciando-se com as suas vanguardas, libertou a forma da sujeição às aparências e lhe conferiu o sentido de uma revelação não apenas de um espaço puramente plástico, mas de uma essência poética, mistério fundamental. Carlos Catalán define o que considera os traços estilísticos do grupo de que fizeram

parte os pintores **Rafael Canogar, Luis Feito, Juana Francés, Manuel Millares, Manuel Rivera, Antonio Saura, Antonio Suárez e Manuel Viola**, os escultores **Pablo Serrano e Martin Chirino** e os críticos **Manuel Conde e José Ayllón**: “expressividade do traço, reducionismo cromático, desejo de experimentação, uma poética própria, uma atitude anti-acadêmica, uma vontade de subverter os valores tradicionais” e uma forte aposta na abstracção, que todos, com excepção de Saura, praticaram. O fim do grupo marcou o desenvolvimento dos percursos individuais destes artistas que se tornariam referências fundamentais da arte espanhola contemporânea e da arte internacional.

O pintor igualmente espanhol **Tàpies** (n. 1923) marca presença como uma das estéticas mais originais da arte do século XX, criadora de novos signos e de uma imagem do humano para o nosso tempo (Roland Penrose). **KWY**, o grupo português que em Paris, entre 1958 e 1968 viveu uma aventura poética em sintonia com o contexto internacional é evocado pela presenças de **Escada** (1934-1980), **Lourdes Castro e João Vieira**, que na sua obra refez a imagem da escrita e da pintura em diálogo com a arte portuguesa de Nuno Gonçalves, Francisco de Holanda e Vasco Fernandes aos modernistas Amadeo Souza-Cardoso e Almada Negreiros. Não estão representados o artista alemão **Jan Voss**, o búlgaro **Christo**, **René Bertholo e Gonçalo Duarte**.

A exposição apresenta ainda trabalhos de **Álvaro Lapa** (1939-2006), **Ambrósio, António Sena, Carmo Pólvora, Emerenciano, Eurico Gonçalves, Francisco Laranjo, Gracinda Candeias, Rico Sequeira, Teresa Gonçalves Lobo, Teresa Magalhães**, dos espanhóis **González Bravo, Hilario Bravo e Alberto Reguera** e das jovens **Alexandra Mesquita, Cristina Valadas e Inês Marcelo Curto**. A escultura estará representada por duas peças da artista espanhola **Mar Solis**.

Secundando a valorização do colectivo preconizada pelo grupo *COBRA*, na exposição está patente um painel colectivo realizado expressamente para a ocasião por oito dos artistas nela representados: **Ambrósio, Carmo Pólvora, Gracinda Candeias, Emerenciano, Eurico Gonçalves, Rico Sequeira, Teresa Gonçalves Lobo e Teresa Magalhães.**

Maria João Fernandes – Comissário da Exposição

Exposição patente no Museu das Comunicações até 15 de Janeiro de 2009
2ª a 6ª das 10h às 18h
Sábado das 14h às 18h
Última 5ª feira do mês até às 22h



Museu das Comunicações

